

PROJETO DE PESQUISA

SAÚDE E DOENÇA - REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

TATIANA LINS E SILVA

MARIA EMILIA LISBOA PACHECO

1420

I - INTRODUÇÃO

Há alguns anos estamos assistindo a uma aproximação da Medicina às Ciências Humanas. Nos campos da Sociologia Médica e da Antropologia Médica, relativamente novos, amplia-se o número de trabalhos e de pesquisadores a eles dedicados. Apesar de constarmos o desenvolvimento de pesquisas no campo da Antropologia, internacionalmente, sobretudo na França e nos Estados Unidos, no Brasil, entretanto, estes estudos são ainda bastante reduzidos. Acreditando que a perspectiva de análise Antropológica possa contribuir fundamentalmente nesta área específica de produção de conhecimentos, vimos propor a realização de uma pesquisa sobre as categorias saúde e doença junto a grupos de pequenos produtores agrícolas do município de Santarém, no Estado do Pará.

A escolha da área e do grupo social, fundamenta-se na existência de estudos anteriores empreendidos na mesma região por diversos pesquisadores do Museu Nacional - UFRJ, entre os quais nos incluímos. Não obstante as pesquisas até então levadas a efeito possam ser distintas segundo o seu objeto de estudo, temos em comum o fato de estarem referidas a grupos camponeses. Trata-se pois de um esforço cumulativo que nos permitirá ao longo do tempo uma maior compreensão do alcance e papel que a doença assume na vida social destes grupos.

Cabe-nos acrescentar que a proposta de trabalho aqui delineada pretende explicitar preliminarmente um objeto de estudo. Entendemos pesquisa como um processo, na medida em que a ruptura e conseqüente reconstrução do objeto estão presentes em suas diferentes etapas. Neste sentido, algumas hipóteses de trabalho formuladas nos parágrafos subsequentes são passíveis de reformulação.

II - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O município de Santarém localiza-se na foz do rio Tapajós, na região do Baixo Amazonas, Estado do Pará. Integrando a micro-região 12 (Pará-MR 12), segundo a caracterização do IBGE, juntamente com os municípios vizinhos de Alenquer, Faro, Juriti, Monte Alegre, Ūbidos e Oriximiná, Santarém compõe-se atualmente dos distritos - Alter do Chão, Belterra, Boim, Curuá e Arapixuna, além de vários povoados sobre os quais falaremos posteriormente.

Santarém, detém no conjunto dos municípios do Estado do Pará, uma posição de destaque no tocante a produção agrícola. Praticada fundamentalmente em pequenas propriedades, a agricultura tem na juta o principal produto de exportação do município, sendo cultivada em terras de natureza aluvional, às margens do rio Amazonas, região esta que recebe a denominação local de várzea. Com um tipo de solo anualmente rejuvenescido por uma camada de sedimento fértil que se desloca dos Andes, o ciclo agrícola anual desta região é determinado pela vazante e cheia do rio Amazonas. A vegetação natural da várzea é de um tipo específico que se caracteriza por suportar as cheias periódicas. (NEGGERS:1973) Além da juta, a outra atividade econômica fundamental nesta região de várzea é a pecuária praticada em pequena escala pelos próprios ju-
tairos e em grande escala pelos pecuaristas da região.

O segundo produto agrícola de exportação é o arroz, cultivado em áreas de terra-firme proveniente sobretudo do planalto agrícola, conhecido localmente como Colônia.

A mandioca constitui-se igualmente em produto fundamental para esta região. Cultivada em terras situadas ao longo do rio Tapajós e também em áreas de terra-firme próximas à região de várzea como é o caso dos povoados que compõem a região do rio Ituqui (afluente do Amazonas).

Embora estas regiões possam configurar-se distintamente enquanto unidades geográficas e geológicas, encontram-se articula

das, integrando o complexo sócio-econômico de Santarém.

Esta pesquisa terá como locus de estudo as duas regiões típicas nas quais se encontram os pequenos produtores de Santarém.

a) Região do rio Ituqui

Esta região compreende cinco povoados de terra-firme: Patos, Santana, Pau D'Arco, Moisés, Serra Grande, Cabeceira do Marajá, e compõe-se de 150 famílias de pequenos agricultores com cerca de 850 habitantes. Os pequenos agricultores desta região plantam mandioca, milho e arroz. Parte da produção de arroz e farinha é vendida aos juteiros que estão situados nos povoados de várzea próximos. A mandioca é plantada no mês de dezembro, no início das chuvas e a colheita é efetuada um ano depois. A mandioca é transformada em farinha, processo esse que se dá nas "casas de farinha" de caráter ainda bastante rudimentar. De setembro a dezembro, os agricultores de Patos, uma vez terminada a preparação do terreno para o plantio, vendem a sua força de trabalho para os juteiros durante a operação agrícola de preparo do terreno para o plantio da juta. Além da mandioca, os agricultores comercializam também as frutas nativas como o açaí e a manga, vendendo sua produção para os juteiros do rio Ituqui e para a sede do Município.

Esta troca de produtos entre Várzea - Terra-firme é feita através de uma rede de relações sociais estabelecidas entre os pequenos produtores de ambas as áreas. Além desse intercâmbio, um outro tipo de relação social se estabelece. Aqueles juteiros que possuem uma unidade familiar superior à extensão cultivada organizam e utilizam a mão de obra disponível para tarefas de cultivo de uma roça em Patos, em "sociedade" com um morador local.

O principal produto da agricultura na várzea é a juta. Na região do Ituqui encontram-se também terras de várzea com povoados tipicamente de vargeiros como é o caso de São Benedito e Conceição que se dedicam ao cultivo da juta e à pecuária. A juta foi introduzida no Baixo Amazonas no início da década de 40 pelos

japoneses. A pecuária é uma atividade econômica tradicional na várzea praticada em regime de pequena propriedade. Entretanto, para os juteiros, o gado é uma atividade acessória e complementar, que tem como objetivo suprir as necessidades familiares nos momentos de "precisão". Possuem apenas algumas reses como fundo de reserva. Há também a grande pecuária - grandes proprietários de terras e rebanhos - que nos últimos anos introduziram também a criação de búfalos.

Os juteiros plantam também maxixe, melancia, jerimum, abóbora, tomate e feijão que juntamente com os ovos e aves abastecem uma das feiras de Santarém. A contratação de empregados é necessária na época da preparação do terreno para o plantio da juta e na época da colheita.

b) Colônia

O planalto agrícola de Santarém conhecido no município como Colônia, estende-se do povoado São José no Km.20 da rodovia Cuiabá-Santarém até Santa-Rosa no Km.32 da rodovia Santarém-Curuá-Una ou Estrada do Palhão. Compreendendo dezenas de povoados que também recebem a denominação de colônias, o planalto é habitado quase em sua totalidade por cearenses que vêm migrando para o Estado do Pará desde o final do século passado. Em 1877, o governo da então província do Grão-Pará promoveu a criação do primeiro núcleo colonial de cearenses em Santarém que recebeu a denominação de "Bom-Gosto". As duas grandes levas de cearenses teriam, no entanto, penetrado na região do planalto por volta dos anos 42 e 58. Composta de pequenos proprietários agrícolas e criadores, parceiros, arrendatários e trabalhadores diaristas, a leva de migrantes de 58 estabeleceu-se na área mediante operação realizada pelo Instituto de Imigração e Colonização (INIC) em conjunto com a Prelazia, em face da preocupação então existente "em dar novo destino aos flagelados da grande seca de 58 e 59 que assolou o Estado do Ceará". (PIAZZA:1963)

A agricultura no planalto foi iniciada por migrantes cearenses. Com a decadência do ciclo da borracha, a atividade agrícola nesta região passa a ter uma posição de principalidade.

Sobre a pedologia do planalto, informa-nos Soares sobre as suas terras de cor amarelada, pelo que são chamadas de amarelas e consideradas boas pelos lavradores, bem como as terras pretas, solos de grande fertilidade, podendo ser cultivados até 15 anos consecutivos, sendo sua origem de natureza discutida". (SOARES: 1963p.234).

Além do arroz, produto que ocupa um lugar de proeminência no planalto, os colonos dedicam-se também ao cultivo do milho, feijão, mandioca e, em menor escala, à fruticultura. O arroz é comercializado nas usinas de beneficiamento e os demais produtos são vendidos na feira de Santarém. Em se tratando de agricultura extensiva, o avanço das frentes provocado pelo esgotamento dos solos, bem como a chegada de novas levas de migrantes vem tornando escassa a terra na Colônia. Por outro lado, submetidos aos preços estabelecidos pelos usineiros e aos altos custos de frete para o transporte dos produtos à sede do município, os camponeses do planalto vêm-se muitas vezes forçados a vender sua força de trabalho para assegurarem sua própria reprodução. A colônia, pois, começa a apresentar distinções entre os colonos com a posse da terra e aqueles que recorrem ao arrendamento de meia e ao "trabalho alugado" para se manterem.

III - OBJETO DE PESQUISA

Uma das significativas contribuições da Antropologia no campo das Ciências Sociais foi o fato de ter apontado para a importância do estudo das categorias acionadas no discurso dos agentes sociais, visto que possibilite um melhor entendimento das relações sociais. Autores clássicos do pensamento antropológico co-
./.

mo Durkheim e Mauss explicam que as categorias são instrumentos através dos quais os indivíduos pensam a vida social. São relativas e histórico-socialmente determinadas e estão inseridas em sistemas classificatórios organizados a partir de princípios que operam hierarquizando-as. O significado de uma categoria é dado pela posição relativa que ocupa na hierarquia. Dessa forma é necessário para o seu próprio entendimento, detectar o peso relativo que ocupa no discurso dos agentes sociais.

Apoiando-nos nestas considerações teóricas suscitadas pela Antropologia clássica, propomos a investigação de uma problemática que nos parece bastante relevante: o estudo das noções - saúde e doença - que, arriscaríamos-nos em afirmar, são universais, assim como as noções de tempo e espaço. (DURKHEIM e MAUSS:) Trata-se contudo de um esforço de delimitar a problemática não em termos abstratos mas sim em termos de sua modalidade social de existência, ou seja, trabalhando especificamente com um determinado grupo social, estamos interessados em verificar qual o peso relativo da doença para os grupos de pequenos produtores do município de Santarém.

Os pequenos produtores que constituem os grupos sociais suporte de nosso objeto de pesquisa podem ser definidos como camponeses a medida que exploram diretamente a terra e utilizam fundamentalmente a força de trabalho familiar. Os meios de produção são portanto propriedade da família, ou seja, não existe separação entre estes e o trabalhador. Ao mesmo tempo, a família é unidade de produção e consumo. Nessas circunstâncias, a produção objetiva não a acumulação, mas o consumo. Em outras palavras, o que rege a atividade produtiva é a produção de valores de uso. Trata-se de um tipo de produtor que está em condições de controlar as condições técnicas de sua produção e que elabora um cálculo social e econômico bastante específicos. "Nas unidades econômicas familiares, a composição e o tamanho da família determinam o montante de força de trabalho, sua composição e seu grau de atividade

de. O caráter da família é um dos principais fatores na organização da unidade camponesa e a força de trabalho da unidade de exploração é totalmente determinada pela disponibilidade dos membros capacitados da família". (CHAIANOV: 1974p.47)

A partir deste quadro geral com o qual tentamos caracterizar o grupo social em questão iremos tratar a doença como um obstáculo à reprodução social deste grupo. Para que haja produção é preciso que haja reprodução das condições de produção. Sendo a reprodução da força de trabalho um dos elementos para a reprodução dessas condições e, estando a produção fundada essencialmente na unidade de trabalho familiar, supomos que haja efeitos diferenciais segundo a doença atinja um ou outro membro do grupo doméstico. Se consideramos que a autoridade dentro do grupo doméstico é personalizada no chefe de família, enquanto o principal responsável pela reprodução física e social dos membros, não apenas pela sua atividade, mas sobretudo pelo papel que desempenha no seio do grupo doméstico enquanto organizador das tarefas a serem executadas pelos diferentes membros, bem como pelo poder de decisão quanto ao plantio e comercialização dos produtos, sua doença terá uma repercussão distinta e porque não dizer de maior peso se confrontada com alguma doença que venha atingir outro membro. Importa pois conhecer o efeito diferencial da doença segundo o papel desempenhado pelos membros na unidade de produção e consumo, assim como segundo o estágio do ciclo de vida em que se encontram. Se consideramos ainda, que o trabalho agrícola operacionaliza-se em diferentes fases que requerem diferencialmente a mobilização da força de trabalho familiar, acreditamos que deva ser verificado o peso relativo da doença consoante as diferentes etapas do ciclo agrícola.

Tendo em vista nossa proposta de detectar a repercussão da doença na vida dos indivíduos que compõem este grupo social específico, não podemos deixar de levar em conta sua heterogeneidade e por conseguinte o peso diferencial que a doença assume frente

te à própria diferenciação social interna ao grupo. Como, por exemplo, a área da propriedade, a área cultivada ou o tipo de produto e sua realização no mercado "vis a vis", o número de membros da família, exigindo maior ou menor emprego de força de trabalho, influenciando sobre a maneira como a doença é considerada, é questão relevante para que seja atingido o objetivo proposto neste projeto de trabalho. Ademais, haverá de se inquirir sobre como a facilidade ou dificuldade em contratar mão de obra extra-familiar a tua junto ao campesinato no sentido de diferenciar o significado da doença.

Faz-se necessário realçar mais uma vez que nosso interesse move-se no sentido de verificar como a doença é definida socialmente. Compartilhamos do ponto de vista de alguns autores entre os quais citaríamos Stendler, para quem o conceito de doença é avaliativo, o que significaria dizer que a doença difere segundo as sociedades e segundo os grupos que as compõem. A representação do estar doente e do estar sadio sofreriam variações segundo as experiências vividas, as normas e os valores de diferentes grupos. Importa-nos pois, indagar sobre os tipos de doença considerados como fundamentais para o grupo em questão.

Em se tratando de uma região onde a assistência médica institucional caracteriza-se como deficitária, sobretudo para os grupos situados na área rural; região em que há ocorrência frequente de doenças, representando um elevado ônus no orçamento familiar (ALMEIDA: 73/74); região enfim, onde predomina um baixo nível de saúde com elevadas taxas de mortalidade geral e infantil (SONDOTÉCNICA S/A:1973/1974), sugerimos a investigação das estratégias adotadas pelo grupo no que concerne ao enfrentamento da doença.

Em todas as sociedades encontramos indivíduos aos quais é delegado o papel de protegê-las contra a doença. Estes indivíduos que detêm poderes terapêuticos têm um estatuto próprio definido pelo grupo. Quem seriam estes "especialistas" e como o gru-

po representa a origem de seus poderes ?

Cabe-nos acrescentar ainda que ao lado destes indivíduos, há um saber comum difundido pelo grupo que lhe permite fazer face a ameaça que a Doença socialmente definida possa trazer para o grupo.

Informações coligidas na área possibilitam-nos ilustrar tal assertiva. O cultivo de "ervas e plantas medicinais" configura-se como uma constante entre o campesinato desta área: arruda, trevo-raimundinho, etc., são cultivados ao lado de hortaliças ou em jiraus erguidos sobre estacas próximas às casas. A utilização dos recursos proporcionados pela "medicina caseira", a procura aos "especialistas do grupo", bem como de um médico, compoem o quadro das estratégias levadas a termo pelo grupo para readquirir o estado de saúde ameaçado pela doença. É de se supor, no entanto, que o acionamento destes recursos seja presidido por uma lógica cujos princípios cabe-nos detectar. Perguntaríamos pois: em que contextos um recurso é privilegiado em detrimento dos outros?

Admitindo-se a hipótese de que diferentes tipos de doença seriam atribuídos a diferentes causas - doenças associadas às condições de trabalho, doenças associadas a castigo divino, por exemplo, acreditamos ser relevante indagar sobre a relação existente entre a classificação das doenças e as estratégias do grupo para o seu enfrentamento.

IV - ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

O trabalho de campo é a base da prática teórica do antropólogo. Ela consiste na relação direta com os grupos sociais, junto aos quais se recolhem os dados primários de análise, através de entrevistas, observação participante, histórias de vida. Tal procedimento metodológico está fundamentado no pressuposto teórico de que o real não se dá a conhecer de modo transparente à ob-

servação do pesquisador, mas passa pelas representações e pelos modelos de percepção que dele fazem os agentes sociais, constituindo uma série de mediações entre aquilo que se observa e as verdadeiras leis que regem os fenômenos sociais. Assim, se os modelos de apreensão que os agentes têm de sua própria realidade são parte integrante desta mesma realidade, e se são eles que se interpoem entre o real e a possibilidade do seu conhecimento teórico, só a compreensão de sua natureza e de sua lógica permitirão que se chegue a um conhecimento mais aproximado da realidade.

Portanto, a importância que se dá ao trabalho de campo, momento da relação direta pesquisador-informante, decorre de uma exigência teórica precisa: decifrar o código conceitual que une os grupos sociais às suas condições materiais de existência, condição para que se tenha progressivo entendimento teórico dos verdadeiros processos sociais em jogo.

Além do trabalho de campo, têm importância também os dados obtidos através de pesquisa bibliográfica, ou outras fontes secundárias que auxiliam na elucidação de processos mais amplos que repercutem localmente, determinando a direção de certas transformações.

A análise antropológica será assim, fruto de um trabalho teórico de articulação entre a experiência local dos grupos pesquisados e os macro-processos em curso na sociedade como um todo.

ooo0ooo

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. Wagner

1973/74 - A crise da economia juteira e o avanço da pecuária na região da várzea em Santarém, in Plano de Desenvolvimento Integrado dos Vales dos Rios Xingu e Tapajós, Cap.VI, vol.III-A 2a. ed. preliminar, Sondotécnica S.A.

CHAYANOV, A. V.

1974 - La Organización de la unidad económica campesina, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1a.ed., trad. de Npsa Maria Rússovich.

DURKHEIM, E. e MAUSS, M.

1 - Formas Primitivas de classificação

I.B.G.E.

1970 - Santarém - Coleção de Monografias, nº 464, 2a. ed.

MCGREGGERS, Betty J.

1973 - AMAZONIA: Man and Culture in a Counterfeit Paradise, Chicago, Aldine Publishing Company, 3a. ed.

PIAZZA, Paulo Della

1963 - Santarém - SPLAN (mimeo.)

SOARES, Lécio de Castro

1963 - "Amazônia", Rio, Conselho Nacional de Geografia.

SONDOTÉCNICA S/A.

1973-74 - Avaliação do nível de Saúde, Plano de Desenvolvimento Integrado dos Vales dos Rios Xingú e Tapajós, Cap.II, Vol.III - 2a. ed., preliminar.

STUHLER, François

1972 - Sociologia Médicale, Paris, Librairie Armand Collin.

V - C R O N O G R A M A - 1 9 7 6

	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	ORGANIZAÇÃO DE ANOTIVOS E FICHÁRIOS	SERVIÇOS GERAIS	IMPRESSÃO DE JORNALS E REVISTAS	PESQUISA DE CAMPO	RELATÓRIOS GERAIS	ELABORAÇÃO DE NOTAS DE ENTREVISTAS	DEGRAVAÇÃO DE FITAS	SERVIÇOS DE ANÁLISE DE DADOS COLHEIDOS EM CAMPO
JULHO	X	X	X	X		RELATÓRIO GERAL INTERNO	X		
AGOSTO	X	X		X	PESQUISAS E AUXÍLIAS DE PESQUISA				
SETEMBRO	X	X		X	X				
OUTUBRO	X		X	X		RELATÓRIO INT. CORRESP. 3 MESES DE PESQUISA			
NOVEMBRO			X	X		RELATÓRIO GERAL INTERNO		X	X
DEZEMBRO				X		RELATÓRIO GERAL INTERNO	X		X

V - C R O N O G R A M A - 1977

	LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	ORGANIZAÇÃO DE ARQUIVOS E FICHÁRIOS	SEMINÁRIOS	RECORRER DE JORNALS E REVISTAS	PESQUISA DE CAMPO	RELATÓRIOS	ELABORAÇÃO DE NOTAS DE ENTREVISTAS	DESAFIAÇÃO DE FITAS	SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS COLHIDOS EM CAMPO
JANEIRO	X			X	PESQUISADOR E AUXILIAR DE PESQUISA				
FEBREIRO	X			X	PESQUISADOR E AUXILIAR DE PESQUISA				
MARÇO			X			RELATÓRIO COMISS. 3 MESES DO ANO DE 77		X	X
ABRIL						RELATÓRIO MENSAL INTERNO	X	X	X
MAIO					AUXILIAR DE PESQUISA	RELATÓRIO MENSAL INTERNO			X
JUNHO					AUXILIAR DE PESQUISAS	RELATÓRIO MENSAL INTERNO	X		X
JULHO			X	X	PESQUISADOR	RELATÓRIO MENSAL INTERNO		X	AUXILIAR
AGOSTO				X	PESQUISADOR	RELATÓRIO MENSAL INTERNO		X	AUXILIAR
SETEMBRO			X	X		RELATÓRIO MENSAL INTERNO		X	PESQUISADOR E AUXILIAR
OUTUBRO			X	X		RELATÓRIO MENSAL INTERNO		X	PESQUISADOR E AUXILIAR
NOVEMBRO				X		RELATÓRIO MENSAL INTERNO			PESQUISADOR E AUXILIAR
DEZEMBRO						ENTREVA DE RELATÓRIO FINAL-77			1433

PESSOAL CIENTIFICO			DESPESAS EM BASE MENSAL			COMPOSIÇÃO POR FONTE			DESPESA ANUAL		OBSER. GENS.
NOME	QUALIFICAÇÃO	CARGO	(1) SALARIO MENSAL BRUTO	(2) ENCARGOS SOCIAIS (++)	(3) DESPESA INDICADA	(4) PROPO- R- CENTE	(5) OUTRAS (ESPECI- FICAR)	(4) MESES de FRAÇA LHO NO ANO	(5) DESPESA ANO. C\$ (3) x (4)	(+) Des- pesas com este pesquisador faz pelo ITSSMS quadro I do proje- to 01.	
Tatiana Schulman Lins e Silva (+)	Mestr. Antr.	Pesq. B	10.0		10.0	10.0		6	68.0	(+) Des- pesas com este pesquisador faz pelo ITSSMS quadro I do proje- to 01.	
Maria Emilia Lisboa Facheco	Mestr. Antr.	Pesq. Aux	7.0		7.0			6	47.6		
Fernando Feres Feixoto	Estud. Hist.	Aux. B	2.5	PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	2.5			6	17.0		
TOTALS			9.5		10.0			X	132.6	X	

(+) Em quadro para cada ano por subprojeto
 (++) Nesta coluna, registrar o valor dos encargos sociais (i.e.x.: FGTS, INSS devido legalmente pela Instituição, 13º salário) a cargo do empregador calculados sobre o salário de cada pessoa, segundo os critérios vigentes na Instituição.
 (+++) Registrar em cada coluna a participação das diversas fontes no pagamento dos salários mais encargos sociais (Despesa Mensal). Quando os limites estabelecidos pelas diversas fontes para o financiamento dos encargos sociais se situarem abaixo do percentual efetivamente pago pela Instituição proporcionalmente, esta deve arcar com responsabilidade de completar o valor restante.
 OBS: Foi previsto um aumento de 40% a partir de 1/11/76.

PESSOAL CIENTIFICO			DESPESAS EM BASE MENSAL		COMPOSIÇÃO POR FONTE		DESPESA		OBSERVAÇÕES	
NOME	QUALIFICAÇÃO	CARGO	(1) SALÁRIO MENSAL BRUTO	(2) ENCARGOS SOCIAIS (++)	(3) DESPESA (1)+(2)	(4) PROPONENTE TE	(5) OUTRAS (ESPECIFICAR)	(4) MESSES DE TRABALHO ANO		(5) DESPESA MENSAL ANO (3)x(4)
Patiana Schulman Lins e Silva (+)	Mestr. Antr.	Pesq. B	14.0		14.0	14.0		12	175.2	(+) Despesas com este projeto realizadas pelo pessoal científico do projeto 01.
Maria Emilia Lisboa Pacheco	Mestr. Antr.	Pesq. Aux	9.8		9.8			12	125.4	
Fernando Iires Peixoto	Estud. Hist.	Aux. B	3.5		3.5			12	44.8	
TOTALS					13.3	14.0		X	349.4	X

- (+) Um quadro para cada ano por subprojeto
- (++) Nesta coluna, registrar o valor dos encargos sociais (i.e.: TCTS, IMPS devido legalmente pela Instituição, 13º salário) e o cargo do empregador calculados sobre o salário de cada pessoa, segundo critérios vigentes na instituição.
- (+++) Registrar em cada coluna a participação das diversas fontes no pagamento dos salários mais encargos sociais (Despesa Mensal). Quando os limites estabelecidos pelas diversas fontes para o financiamento dos encargos sociais se situarem abaixo do percentual efetivamente pago pela instituição proponente, esta deve arcar com responsabilidade de completar o valor restante. **1435**
- OBS: Foi previsto um aumento de 40% a partir de 1/11/77.

PROJETO 04
2.2.- Material de Consumo
Ano 1976

Em C\$ Mil

ESPECIFICAÇÃO	ANO DE AQUISIÇÃO	QUANTIDADE	CUSTO UNITÁRIO (C\$)	CUSTO TOTAL (C\$)	FONTE DE RECURSOS	OBSERVAÇÕES
2.2.1. - <u>Matéria-prima (+)</u>						
Subtotal						
TOTAL (2.2.1 + 2.2.2)						
4.20						
4.20						
2.2.2.- <u>Materiais Diversos (++)</u>						
(X) Fitas Virgens	1976	40	0,25	1.00	Museu Nacio.	(X) ver anexo I
(X) enlatados	1976			2.00	Museu Nacio.	(X) ver anexo I
(X) Remédios	1976			1.20	Museu Nacio.	(X) ver anexo I
Subtotal						
4.20						
TOTAL (2.2.1 + 2.2.2)						
4.20						

(+) Compreende matérias-primas diretas e indiretas. As primeiras deverão ser especificadas, inclusive por custo unitário, procedência da aquisição e taxa cambial utilizada, quando forem importadas. As indiretas poderão ser quantificadas por grupo de matéria.

(++) Ver notas explicativas.

QUADRO 3

PROJETO 04
2.2 - Material de Consumo
Ano 1977

Em Cr\$ 1000

ESPECIFICAÇÃO	ANO DE AQUISIÇÃO	QUANTIDADE	CUSTO UNITÁRIO (Cr\$)	CUSTO TOTAL (Cr\$)	FONTE DE RECURSOS	OBSERVAÇÕES
2.2.1 - Matéria-Prima (+)						
2.2.2 - Materiais Diversos (++)						
Ritas Virgens	1977	80	0,35	2,8	FUNDT	(x) ver anexo 1
(x) Enlatados	1977			3,0	FUNDT	(x) ver anexo 1
(x) Reprodios	1977			2,0	FUNDT	(x) ver anexo 1
Subtotal				7,8		
TOTAL (2.2.1 + 2.2.2)				7,8		

(++) Ver notas explicativas.

QUADRO 4

PROJETO 04
 2.5 - Itens Suplementares
 Ano 1976

Em C\$ Mil

ESPECIFICAÇÃO	ANO	QUANTIDADE (xx)	CUSTO UNITARIO (C\$) (x)	CUSTO TOTAL (C\$)	FONTE DE RECURSOS	OBSERVAÇÕES
2.5.1.4 - <u>Viagens</u> ver anexo 1	1976			13.9	FNDCT	
2.5.1.2 - <u>Dívidas</u> ver anexo 1	1976			30.0	Museu Nacional	
Subtotal				43.9		
2.5.2 - <u>Outros</u> (Especificar) Despesas Mídias de Pronto Pagamen to (x) - ver anexo 1				4.0	Museu Nacional	
Subtotal				4.0		
TOTAL (2.5.1 + 2.5.2)				47.9		1438

(x) (Ver anexo 1)
 (xx) (Ver anexo 1)

ANEXO I
 SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
 FINEP - FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS
 FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLOGICO (FNDCT)
 INSTITUIÇÃO: Projeto 04 CONVENIO Nº 281 /CT
 Saúde e Doença
 Reprodução da Força do Trabalho
 EXERCÍCIOS: 1976, 1977, ETC (*)

Em Cr\$

ITENS DE DISPÊNDIO	TOTAL DO CONVÊNIO	CRONOGRAMA GERAL DE DESEMBOLSOS									
		19__					19__				
		1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.	4º TRIM.	TOTAL DO ANO	1º TRIM.	2º TRIM.	3º TRIM.	4º TRIM.	TOTAL DO ANO
1. Despesas de Investimento											
1.1. Obras Cíveis e de Montagem											
1.2. Equipamentos de Pesquisa											
1.3. Material Permanente											
1.3.1. Móveis e Utensílios											
1.3.2. Equipamentos Auxiliares											
1.4. Documentação											
1.4.1. Livros e Periódicos											
1.4.2. Documentação Diversa											
1.5. Elaboração de Projetos											
2. Despesas de Operação											
2.1. Pessoal											
2.1.1. Científico		28500	36100	33900	32900	144400	32900	50500			90400
2.1.2. Técnico											
2.1.3. Administrativo											
2.2. Material											
2.2.1. Matéria-Prima											
2.2.2. Materiais Diversos				2000	2000	4000	2000	1800			3800
2.3. Aperfeiçoamento de Pessoal											
2.4. Assistência Técnica											
2.4.1. Consultoria											
2.4.2. Serv. Inst. e Manut.											
2.5. Itens Suplementares											
2.5.1. Viagens		7000	6900	21000	20000	54900	20000	20700			40700
2.5.2. Outros				2500	2500	5000	2500	2500			5000
TOTAL GERAL (1 + 2)		25500	43000	65400	64400	208300	64400	75500			139900

Obs.: Esta programação está sujeita a aprovação da FINEP.

(*) Considerar nesta programação todos os exercícios abrangidos na execução do projeto.

Nota: Os trimestres não obedecem, rigorosamente, os trimestres civis.

LOCAL, ESTADO E DATA

1439

Primeiro trimestre em julho de 1976.

Coordenador do Programa (ou Projeto)

QUADRO 4

PROJETO _____
 2.5 - Itens Suplementares
 Ano 1977

Em Cr. M11

ESPECIFICAÇÃO	ANO	QUANTIDADE (xx)	CUSTO UNITÁRIO (cc) (xx)	CUSTO TOTAL (cc)	FONTES DE RECURSOS	OBSERVAÇÕES
2.5.1.1 - Viagens (x) (consultar anexo 1)	1977			34.9	FNDOT	
2.5.1.2 - Diárias (consultar anexo 1)	1977			46.8	FNDOT	
Subtotal				81.7		
2.5.2 - Outros (Especificar)	1977			10.0	FNDOT	
2.5.2 - Despesas Miúdas de Pronto pagamento.						
Subtotal				10.0		
TOTAL (2.5.1 + 2.5.2)				91.7		

(x) Considerando um aumento de 10% para agosto de 1976 e 20% para janeiro de 1977, e mais 10% para julho de 1977.
 (xx) Consultar anexo 1 quanto a quantidade e custo unitário das passagens e diárias.

PESES - PROJETO 04
 PROJETO SAÚDE E DOENÇA - REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO
 RESUMO DO ORÇAMENTO GLOBAL POR FONTE DE FINANCIAMENTO
 PERÍODO DO PROJETO: DE 7 (MÊS) 1976 A 12 (MÊS) 1977

EM C\$ MIL

QUADRO 1

FONTES	CONTRAPARTIDA												SOLICITADOS DO FNDCT			TOTAIS ANUAIS			Total do Projeto.	GSS.	
	PROPOSTANTE			MUSEU NACIONAL			OUTROS (*)			SOLICITADOS DO FNDCT			TOTAIS ANUAIS								
	1976	1977	19__	SOMA DO PERÍODO	1976	1977	19__	SOMA DO PERÍODO	SUBTOTAL DO PERÍODO	1976	1977	19__	SUBTOTAL DO PERÍODO	1976	1977	19__					
1. Despesas de Investimento 1.1. Obras Civas e de Montagem 1.2. Equipamentos de Pesquisa 1.3. Material Permanente (Subtotal 1.3) 1.3.1. Móveis e Itens Auxiliares 1.3.2. Equipamentos Auxiliares 1.4. Documentação (Subtotal 1.4) 1.4.1. Livros e Periódicos 1.4.2. Documentos Diversos 1.5. Laboração de Projetos SUBTOTAL 1																					
	2. Despesas de Operação																				
	2.1. Pessoal (Subtotal 2.1)			68.0	179.2	-	247.2	-	-	-	-	-	247.2	64.6	170.2	-	234.8	132.6	349.4	-	482.0
	2.1.1. Científico																				
	2.1.2. Técnico																				
	2.1.3. Administrativo																				
	2.2. Material de Consumo (Subtotal 2.2)					4.2				4.2	4.2										12.0
	2.2.1. Matéria-Prima																				
	2.2.2. Materiais Diversos																				
	2.3. Aperfeiçoamento de Pessoal																				
	2.4. Assistência Técnica (Subtotal 2.4)																				
	2.4.1. Consultoria																				
	2.4.2. Serviço de Instalação e Manutenção																				
	2.5. Itens Suplementares (Subtotal 2.5)					30.0				30.0	30.0	13.9	81.7	-	95.6	43.9	81.7	-	125.5		
	2.5.1. Viagens					4.0				4.0	4.0	-	10.0	-	10.0	4.0	10.0	-	14.0		
2.5.2. Outros																					
SUBTOTAL 2			68.0	179.2	-	247.2	38.2	-	38.2	285.4	78.5	269.7	-	348.2	184.7	448.9	-	633.6			
TOTAL (1 + 2)			68.0	179.2	-	247.2	38.2	-	38.2	285.4	78.5	269.7	-	348.2	184.7	448.9	-	633.6			

(*) Totalizar recursos provenientes de outras fontes financiadoras. Especificar, em quadro suplementar, essas fontes e suas destinações.

Em C\$ Mil

ITEMS DE DESPÊNDIO	1976	1977		TOTAL FUNDOS	TOTAL DO PERÍODO
	JULHO/DEZEMBRO	JANEIRO/JUNHO	JULHO/DEZEMBRO		
2.1.1.1.- SESSOAL CIENTIFICO	132.6	163.8	185.6	234.8	482.0
2.2.2.- MATERIAIS DIVERSOS	4.2	3.9	3.9	7.8	12.0
2.5.1.1.1.- VIAGENS	13.9	15.6	19.3	48.8	49.8
2.5.1.2.- DIARIAS	30.0	23.4	23.4	46.8	76.8
2.5.2.- OUTROS	4.0	5.0	5.0	10.0	14.0
	184.7	212.7	236.2	348.2	633.6

EXPLICITAÇÃO DO ORÇAMENTO:

2.2.2 - Material de consumo necessário para o trabalho de campo: fitas virgens, enlatados, remédios.

2.5.1.1. - Viagens - No 1º período: 2 passagens aéreas, Rio-Belém-Rio

No 2º período: 2 passagens aéreas, Belém-Santarém-Belém

No 3º período: 2 passagens aéreas, Rio-Belém-Rio

2 passagens aéreas, Belém-Santarém-Belém

No 3º período: 2 passagens aéreas, Rio-Belém-Rio

2 passagens aéreas, Belém-Santarém-Belém

2.5.1.2 - Diárias: No 1º período - 120 diárias seniors (250,00 cada)

No 2º período - 120 diárias seniors (390,00 cada)

No 3º período - 120 diárias seniors (390,00 cada)

2.5.2. - Outros - Despesas Miúdas de Pronto Pagamento: Reprodução, transportelocal

Nos três períodos - local (taxis, barcos) contatos telefônicos com o Instituto Oswaldo Cruz, etc... Tudo referente às viagens.

CURRICULUM VITAE

1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome: Maria Emília Lisboa Pacheco

Filiação: Pedro Pacheco e Júlia Lisboa Pacheco

Data de nascimento: 30/05/48

Naturalidade: Leopoldina - M.G.

Carteira de Identidade: nº 722.078 - Sec. Seg. Pública - M.G.

CPF: nº 134648256/04

Endereço: Rua Maranhão, 473/casa 30 - Lins - Rio de Janeiro

2 - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Nível médio:

Curso Normal no Colégio Imaculada Conceição, Leopoldina, M.G.
de 1963 a 1965.

Nível Superior:

a) Graduação em Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social
de Juiz de Fora, M.G. - 1967/1970

b) Cursando Mestrado em Antropologia Social no Museu Nacional,
UFRJ - Bolsista da CAPES - Início do Curso - Março/75.

3 - ATIVIDADES PROFISSIONAIS

a) Diretora do Departamento de Saúde e Trabalho Social na Prefeitura Municipal de João Monlevade, M.G., de 24/03/71 a 20/03/73

b) Assistente Social responsável pela elaboração do projeto:
"Centro Integrado para menores", apresentado ao Conselho Municipal do Bem-Estar do Menor de João Monlevade, M.G. (COMBEM).
Período: 01/04/73 a 20/08/73.

c) Assistente Social junto ao Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) em convênio com a Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (CODVALE), no período de dezembro de dezembro/73 a abril/74.

2. Bolsa de Pós-Graduação do Conselho Nacional de Pesquisas sob a orientação do Prof. Otávio Guilherme Alves Velho (1975 e renovação em 1976).

XII - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1. Entrevistadora da Pesquisa Habitacional realizada pelo Centro de Planejamento Habitacional, CENPHAB, nos conjuntos habitacionais do Cordevil e Cidade de Deus.
2. Estagiária de Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (1973/74).
3. Auxiliar de Pesquisa no projeto "Camponato e Pecuária em uma área de Expansão Capitalista", dirigido pela Prof. Neide Esterci e financiado pela Fundação Ford - 1974/75.
4. Participação como pesquisadora no projeto "Hábitos Alimentares em camadas de Baixa Renda", financiado pela FINEP em convênio FUB-UFRJ, sob a orientação do Prof. Otávio Guilherme Alves Velho (1975 /76).

IV - TÍTULO

1. Certificado de Proficiency em Inglês da Universidade de Michigan, exame prestado no Instituto Brasil-Estados Unidos (1971).
2. Bacharel em Ciências Sociais.

V - ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES

1. Participação na Conferência sobre História e Ciências Sociais, realizada na UNICAMP, Campinas, de 26 à 30 de maio, de 1975.

CURRICULUM VITAE

Nome: TATIANA SCHULMANN LINS E SILVA

Nascimento: 08 de julho de 1948 - Rio de Janeiro

Estado Civil: desquitada

Religião: Álvaro Lins e Silva e Margarita Schulmann

Residência: Praça Santos Dumont, 138 vl.A apto: 902 - Gávea

I - FORMAÇÃO ACADÊMICA

1. CURSO SECUNDÁRIO - Colégio São Paulo
Rio de Janeiro - 1960/1963
- Colégio Nossa Senhora do Rosário
Brasília - 1963/1964
- Centro Integrado de Ensino Médio
Brasília - 1965/1966
- James Caldwell High School
New Jersey, USA - 1966/1967
2. Curso Superior
 - 2.1. Graduação - Curso de Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ,
Rio de Janeiro, 1968/1974 - concentração em Sociologia e Antropologia.
 - 2.2. Pós-Graduação - Mestrado em Antropologia Social - Museu Nacional-UFRJ (créditos concluídos - em fase de elaboração de tese, a partir de julho de 1976).
3. Curso de Extensão na Pontifícia Universidade Católica -
- "Métodos e Técnicas Antropológicas" - Prof. Lygia Maria Bygand.

II - BOLSAS DE ESTUDO

1. Bolsa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisas, sob a orientação e vinculada ao projeto de pesquisa da Prof. Neida Esterel intitulado "Desenvolvimento da Política de Colonização no Brasil Central" aprovado pela UFRJ - 1974.

4 - PARTICIPAÇÃO EM SEMINÁRIOS

- a) Bolsa da "Fundação Konrad Adenauer - Instituto de Solidariedade Internacional", para participação no "Seminário Latinoamericano para profissionais em Serviço Social", em Ambato-Ecuador, 1971.
- b) Participação no VII Congresso Interamericano de Bem-Estar Social realizado pela Conferência Interamericana de Bem-Estar Social, em Quito-Ecuador, 1971.
- c) Participação no I Seminário das Representações Estaduais do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), em João Pessoa, Paraíba, 1973.

5 - ATIVIDADES DE PESQUISA

Participação como pesquisadora no projeto "Hábitos Alimentares em Camadas de baixas rendas", financiado pela FINEP em convênio - Fundação da Universidade de Brasília, (FUB) e UFRJ, sob a orientação do Prof. Otávio Guilherme Velho. 1975/1976.